# BofA fará dois IPOs de educação

## Diretor da área de banco de investimentos diz que setor sofreu menos que a bolsa e que demanda continua

**Léa De Luca**
lluca@brasileconomico.com.br
**São Paulo**

Murillo Constantino

**Saraiva, do BofA, diz que há duas fusões e aquisições no radar: "Consolidação está só começando"**

Apesar da queda de quase 20% da bolsa neste ano e da piora do humor dos investidores internacionais com mercados emergentes nos últimos dias, que levou ao adiamento da oferta bilionária da Votorantim Cimentos, o diretor da área de investment banking do Bank of America Merrill Lynch (BofA), Bruno Saraiva, continua otimista com as perspectivas para o setor de educação na bolsa de valores. "É um mundo à parte", diz.

O banco está atualmente envolvido com duas operações de oferta inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) – em uma delas, é o líder do sindicato de bancos, informou Saraiva, sem revelar os nomes das empresas. "O negócio deve ir à mercado em setembro, após as férias de verão no hemisfério norte, quando normalmente se abre uma janela de oportunidade para as captações", diz. Juntas, as duas operações devem captar aproximadamente R$ 1,5 bilhão. "Além dessas, outros dois negócios devem sair na virada deste ano para o próximo – as empresas já começaram a se preparar.

Segundo o executivo, as quatro empresas representantes do setor na bolsa atualmente – Abril Educação, Kroton, Anhanguera e Estácio – estão sendo negociadas com os múltiplos mais altos da história – tanto em termos mundiais quanto locais. Enquanto o Ibovespa caiu cerca de 20% no ano, a Anhanguera acumula alta de 15,5%, a Kroton, de 39%, a Estácio, de 21% e a Abril Educação, de 7,8%. "As perspectivas continuam boas e os empresários e fundadores querem capitalizar".

Movimentos de consolidação também continuam no radar. Aliás, segundo Saraiva, a consolidação esta só começando. "Os principais players não têm 20% do mercado". Hoje há quatro companhias listadas – três são de ensino universitário; e a Abril é do setor de ensino básico e médio. "Há várias conversas em andamento, e o BofA participa de duas delas – de grandes companhias se fundindo ou comprando menores".

Não é de hoje que o BofA elegeu o setor como um dos favoritos para atuar no Brasil. O banco participou de 7 das 11 ofertas de ações desde 2007 – todas as da Anhanguera (além do IPO de R$ 400 milhões, mais três follow ons); e do IPO da Kroton. Neste ano, até agora aconteceram duas operações no setor: o follow on da Abril Educação em abril (no valor de R$ 500 milhões) e o da Estácio, em janeiro, no valor de R$ 700 milhões.

> *"As quatro empresas representantes do setor na bolsa brasileira atualmente – Abril Educação, Kroton, Anhanguera e Estácio – estão sendo negociadas com os múltiplos mais altos da história"*
>
> **Bruno Saraiva**
> Diretor do Bank of America

A fusão Anhanguera / Kroton, em abril, já era esperada, foi estabelecida uma relação de troca a mercado juntando as duas companhias. A nova companhia vai ficar sob a gestão da Kroton, que passou a ser a maior do mundo em educação, com valor de mercado de mais ou menos R$ 11 bilhões a R$ 12 bilhões.

Há seis anos, o setor de educação era inexistente para o mercado de capitais no Brasil; três anos atrás, só haviam empresas pequenas. O primeiro investimento relevante foi do Pátria na Anhanguera, como private equity, em 2004 – depois a empresa foi para a bolsa em 2007. "Percebeu-se naquele momento um mercado superfragmentado com possibilidade de consolidação", diz Saraiva.

O BofA liderou o esforço desses IPOs; depois, o fundo estrangeiro de private equity Advent Internacional entrou na Kroton, e em 2008 a GP Investments, na Estácio. Naturalmente, as três se tornaram as consolidadoras do setor. Os fundos de private equity começaram a acelerar o crescimento via aquisições e todas as empresas foram listadas na bolsa. De lá para cá, elas vieram dominando o mercado fazendo aquisições de universidades pequenas e grandes.

"De dois anos para cá o setor teve um novo boom, pelo relançamento do Fies, modalidade de crédito de longo prazo que é uma réplica do financiamento estudantil que deu certo nos Estados Unidos na década de 70", diz o executivo. O ingresso de alunos começou a aumentar, as companhias voltaram a crescer de forma acelerada e os movimentos de consolidação se fortaleceram.

"A educação é por natureza resiliente, um dos últimos itens que o consumidor corta. E até agora, o governo não cortou o Fies, principal pilar de sustentação do crescimento do setor aqui", lembra.

**Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 20 jun. 2013, Finanças, p. 24.**